

A ADOLESCÊNCIA E O SER MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: A VISÃO DAS ADOLESCENTES DE BAIXA RENDA¹

*ADOLESCENCE AND BEING A WOMAN IN THE
CONTEMPORANITY: THE LOW INCOME ADOLESCENTS VIEW*

**Letícia Saldanha de Lima², Greyce Rocha Beltrame²,
Juliana Flores Martins² e Fernanda Pires Jaeger³**

RESUMO

Nesta pesquisa, objetivou-se identificar como as adolescentes de baixa renda veem seu papel como mulher na sociedade contemporânea, tendo em vista as constantes mudanças e avanços da sociedade nos últimos anos. Para tanto, utilizou-se o método qualitativo, de cunho exploratório. Foram realizadas, entrevistas com adolescentes, em condições socioeconômicas desfavorecidas, da comunidade da cidade de Santa Maria, RS. Os resultados mostraram que as adolescentes conseguem captar as mudanças no papel da mulher ao longo do tempo, quando relatam as diferenças entre as mulheres da atualidade e as do passado. Quanto ao significado dado à maternidade, as entrevistadas percebem que a mulher é a responsável pelos cuidados e educação da criança. A inserção no mercado de trabalho foi um ponto de destaque em suas falas como forma de reconhecimento e valorização social. Dessa forma, constatou-se que as adolescentes colocam a mulher como “super-heroína”, que deve ser mãe, forte, trabalhadora e, ao mesmo tempo, feminina e delicada.

Palavras-chave: gênero, papéis sexuais.

ABSTRACT

The research aimed to identify how low income adolescents see their role as a woman in the contemporaneous society regarding the society's constant changes

¹ Trabalho de Iniciação Científica - PROBIC.

² Acadêmicas do Curso de Psicologia - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

and advancements in the last years. To do this, it was used the qualitative method, in an exploratory way. We start from interviews with low socio-economic conditions adolescents from Santa Maria, RS. The results show that the adolescents can catch the changes in the woman's role along the time, when they report the differences between women today and in the past. In relation to the meaning given to maternity, the girls interviewed see the woman is responsible to take care and educate the child. The insertion into the work market was highlighted in their speech as way to obtain recognition and social valorization. Thus observed that adolescents place the woman as a "super-heroine" who must be a mother, strong, hard worker and at the same time feminine and delicate.

Keywords: *Gender, sexual role.*

INTRODUÇÃO

Os estudos de gênero mostram que a convivência entre homens e mulheres tem sido marcada, historicamente, por relações de poder assimétricas e por desigualdades. Trabalhos como os de Saffiotti (2002) e Scott (1995) procuram demonstrar a importância de se compreender o ser humano, independentemente, do seu sexo biológico, mas a partir de uma perspectiva de gênero.

Assim, a noção de gênero, de acordo com Scott (1995), tem como núcleo central duas ideias principais. A primeira refere-se a gênero como um elemento constitutivo de relações sociais calcadas nas diferenças percebidas entre os sexos, caracterizando-se como um conceito relacional. A segunda concebe o gênero como uma maneira de dar significado às relações de poder. Nessa perspectiva, os gêneros são produzidos nas e pelas relações de poder.

Diferentemente de sexo, que está relacionado a diferenças físicas, gênero refere-se às diferenças socialmente construídas. "O gênero depende de como a sociedade vê a relação que transforma um macho em um homem e uma fêmea em uma mulher" (STREY, 1998, p.183). Dessa maneira, mulher não nasce uma mulher, mas ela se torna uma mulher, assim como o homem não nasce homem, ele se torna um homem.

Historicamente, diferentes características configuram-se como parte do universo masculino e feminino. O resultado disso é que se tem a formação de estereótipos, que tendem a fixar essas características como representativas desses grupos. Esses estereótipos, normalmente, relacionam a figura masculina a características de poder, força e superioridade, ao passo que, ao papel feminino

são atribuídos estereótipos de submissão, fragilidade e dependência (STREY, 1998; COLLING, 2004).

No entanto, as funções tradicionais vinculadas às mulheres têm sido discutidas e ampliadas nos últimos anos. Hoje, a vida de homens e mulheres assume contornos diferenciados. E estas, conquistaram muitos avanços em sua forma de viver na contemporaneidade.

Sabe-se que a pessoa aprende sobre como é ser homem ou mulher bem antes da adolescência. No entanto, como nos descreve Kahhale (2003), é nesse período que se inicia a reflexão mais apurada sobre qual posição da mulher dentro da sociedade, compreendendo melhor as responsabilidades que deve adquirir ao longo de sua vida tanto no meio familiar, social, quanto profissional.

De acordo com Santos e Silva (2008), atualmente, a construção da identidade sofre influência das novas tecnologias, fazendo da mídia um importante instrumento para sua construção. Eles mostram através de um estudo que as atitudes dos adolescentes sofrem influência, principalmente, na sexualidade.

Por outro lado, Traverso-Yépez e Pinheiro (2005) enfatizam que a inserção social e as relações de gênero são fatores que podem determinar formas de adolescência muito distintas. Assim, o processo de socialização dos valores e concepções acerca do feminino e do masculino pode repercutir de modo a construir formas diferenciadas de ser homem e mulher, dependendo da cultura, na qual o adolescente está inserido.

Tendo em vista que o conceito de gênero abordado aqui se refere a uma construção social do sexo e não a uma categoria naturalizada (SAFIOTTI, 1979; BADINTER, 1985; SCOTT, 1995), pesquisou-se uma faixa etária restrita, em um contexto específico de baixa renda, a fim de se conhecer as transformações da sociedade e, conseqüentemente, do papel da mulher. Sabe-se que a mulher contemporânea já realizou, efetivamente, muitas conquistas no mercado de trabalho, tornando-se, em muitos casos, provedora da renda familiar, (SCORZAFAVE; MENEZES-FILHO, 2006; MARRI; WAJNMAN, 2007). Torna-se, então, importante saber de que forma as jovens percebem essas mudanças na vida da mulher e que pretensões têm para a construção da identidade feminina.

Ao considerar esses aspectos neste artigo, teve-se como objetivo geral identificar como as adolescentes de baixa renda, na faixa etária de 14 aos 18 anos de idade, veem seu papel de mulher na sociedade contemporânea. Já os objetivos específicos situaram-se em identificar o lugar da maternidade na sociedade contemporânea; discutir a importância do papel materno para elas em

seu contexto familiar; averiguar como identificam as diferenças de gênero no seu contexto familiar e analisar como veem a mulher inserida no campo de trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo da história o homem e a mulher sofreram uma diferenciação de seus papéis diante da sociedade. Essas mudanças ocorrem através da reformulação das representações que se tem sobre cada um. No passado, as mulheres eram vistas como mães, esposas dedicadas, “rainhas do lar”, dignas de serem louvadas e santificadas. Já a imagem dos homens, era representada por figuras destinadas ao espaço público, político, no qual se centralizava o poder (COLLING, 2004).

Através dessas mudanças, Negreiros e Féres-Carneiro (2004) compreendem os papéis de gênero do ponto de vista de uma construção histórica, social e cultural. Nessa, os papéis masculinos e femininos de determinada época e contexto definiram os direitos e deveres que seriam pertinentes ao homem e à mulher. A partir desse prisma, uma das questões levantadas em nossa pesquisa foi averiguação das quais percepções que as adolescentes têm das mudanças no papel da mulher ao longo do tempo.

A partir de mudanças sociais e econômicas, especialmente com o desenvolvimento do capitalismo, como nos mostra Saffioti (1979), as mulheres passaram a trabalhar e produzir para atenderem a uma imposição social de consumo, ao contrário do que ocorria anteriormente, quando as pessoas buscavam apenas suprir a sua subsistência. Essas mudanças se deram primeiramente por parte das mulheres de camadas sociais menos favorecidas, nas quais o trabalho praticado era voltado para o bem-estar da família e para o sustento de todos.

Diferentes estudos, como os de Strey (1998), apontam que existem diversos fatores que interferem e influenciam a forma de ser homem ou mulher na sociedade. Dentre esses fatores, há questões relativas aos aspectos históricos, culturais e sociais que são passados de geração a geração através do processo educativo na família, escola, meios de comunicação e concepção religiosa.

Para Vieira (2005), o sujeito não é formado de um único momento particular de sua vida. As suas escolhas resultam de um percurso histórico exclusivo, composto por emoções, perdas e ganhos, com valores que se somam ao longo da vida.

A família também constitui um meio de influência na construção da identidade de um adolescente. É no funcionamento da família que a identidade

da mulher e do homem adquire as primeiras programações culturais. A divisão de papéis na família influencia no modo como a adolescente vê a mulher dentro da sociedade, marcando construção de sua subjetividade (VIEIRA, 2005).

No que diz respeito à maternidade, o papel da mulher, enquanto mãe, também foi modificado a partir das necessidades de cada época. Badinter (1985) mostra, em uma perspectiva histórica, as diferentes faces da maternidade e que o amor materno não é algo instintivo. Com isso, concebe ser um erro acreditar que toda a mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma as respostas à sua condição. A autora esclarece que o amor materno é apenas um sentimento humano, mas como todo sentimento é incerto, frágil e imperfeito, não estando inscrito na natureza feminina.

Novos modelos têm se apresentado para as mulheres na sociedade atualmente. Assim, o espaço que ocupam na família também se modificou, as fronteiras da identidade dos gêneros passaram a ser compostas por representações plurais, nos quais elas podem ser chefe de família e dona de casa. Esses novos modelos vêm se alterando, baseados no crescimento econômico, na sua inserção no mercado de trabalho, bem como na mudança na rotina das famílias (NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004).

Além das mudanças na família, o seu ingresso no mercado de trabalho também merece ser destacado, de acordo com IBGE (2008), constatou-se que 21,2 milhões de pessoas se encontravam ocupadas nas seis regiões metropolitanas do país, sendo que dessas, as mulheres representavam 44,4% do contingente, ou seja, 9,4 milhões de mulheres se encontram trabalhando.

Nesse campo de inserção da mulher no trabalho, Vieira (2005) refere-se a que este se constrói sob um discurso inovador, considerando que as mudanças reivindicadas por elas emergem com valores modificados, centrados em propostas que podem desequilibrar a hegemonia masculina no ambiente profissional.

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, do tipo exploratória conforme Gil (2002). Este tipo de pesquisa exige um aprofundamento de literatura, pois os principais motivos de conduzir um estudo qualitativo é ele ser exploratório, ou seja, não haver ainda muitos estudos sobre o tema, levando o pesquisador a ouvir os participantes e, a partir do que emerge de suas falas, outras questões podem surgir com a interpretação dos dados (CRESWELL, 2007).

PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa nove adolescentes em condição socioeconômica desfavorecida, que moram em diferentes comunidades periféricas da cidade de Santa Maria, RS. Elas se encontram na faixa etária de 14 a 18 anos, estudantes do ensino fundamental e médio, todas solteiras, sem filhos e não trabalham. Para não identificá-las, foram nominadas por nomes fictícios de mulheres que tiveram grande importância na história: Isabel, a adolescente de 16 anos; Margaret, a de 15 anos; Joana, de 14 anos; Anita, de 17; Olga, também de 15; Teresa, de 15 anos; Maria, também com 15; Chiquinha, de 18 anos; e Evita, outra de 17 anos. A escolha das adolescentes ocorreu por intermédio de profissionais da área de saúde que atuam dentro das comunidades, nos postos de saúde do município.

INSTRUMENTOS

Como instrumento de coleta de dados, utilizaram-se entrevistas semiestruturadas. A entrevista foi composta de 6 questões que abrangem perguntas relacionadas às mudanças da mulher ao longo do tempo, sobre as diferenças das atividades domésticas realizadas pelas adolescentes e por suas mães, as características da mulher, seus sentimentos no que tange a sua inserção na sociedade, o significado da maternidade para elas e para suas famílias e como elas veem a mulher no mercado de trabalho.

PROCEDIMENTOS

O presente projeto foi desenvolvido após encaminhamento e aprovação pelo Comitê de Ética institucional, sob registro na CONEP nº 1246. Inicialmente foram procurados profissionais de saúde atuantes em comunidades periféricas de Santa Maria, para que indicassem as adolescentes para participarem da pesquisa. Ao se entrar em contato com as jovens, foram explicados os objetivos e os procedimentos da pesquisa. Todas as participantes e seus responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que explicava a justificativa da pesquisa, os procedimentos utilizados, bem como a garantia de sigilo. As entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas em MP3, para uma posterior transcrição, sendo destruídas ao término da pesquisa.

ANÁLISE DE INFORMAÇÕES

Após a transcrição das entrevistas, iniciou-se a Análise de Conteúdo conforme Bardin (1977) que trata de uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática do conteúdo manifesto na comunicação. Uma das etapas da análise de conteúdo é a construção de categorias cujo objetivo é estabelecer classificações, buscando agrupar elementos, ideias ou expressões em torno dos objetivos de nossa pesquisa, bem como das demais questões que as adolescentes de baixa renda levantaram sobre a sua visão que têm da mulher na sociedade contemporânea (MINAYO, 2002).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados através de categorias, nas quais estão contempladas as ideias em comum, que foram agrupadas da seguinte forma: as mudanças no papel da mulher ao longo do tempo, o significado da maternidade e a mulher no mercado de trabalho.

MUDANÇAS NO PAPEL DA MULHER AO LONGO DO TEMPO

As mudanças sociais, culturais e econômicas têm levado à construção de novas referências para o modo de ser e agir da mulher em nossa sociedade. Assim, diferentes papéis têm sido exercidos por elas na atualidade. Ao mesmo tempo, a partir das entrevistas identificou-se uma polarização em relação a esses papéis no passado e na atualidade que se evidenciou da seguinte forma: submissão X independência; dona de casa X trabalhadora; a residência como território X sociedade como território.

De acordo com os relatos das adolescentes, constata-se que estas captam as seguintes diferenças sociais: antigamente as mulheres não tinham seu espaço (Isabel); não é tão submissa como antigamente (Teresa) e, no início, a mulher não tinha emprego, era só dona de casa, já hoje em dia, ela tem uma profissão (Margarete).

A partir dessas falas, foi possível identificar que as adolescentes percebem que as mulheres no passado eram submissas, sem espaço e sem emprego, mostrando uma visão polarizada, associando, muitas vezes, o passado a uma dimensão negativa e o presente a uma dimensão positiva do papel da mulher. Essa visão polarizada leva a uma única concepção de ser mulher, sendo a identidade feminina caracterizada de forma fixa.

O relato das participantes remete à ideia de polarização entre homens e mulheres. Isso se evidencia na fala das seguintes participantes: as mulheres estão ocupado muitos espaços e os homens vêm perdendo muitos desses espaços para as mulheres (Isabel); já estão vendo que não é só o homem que trabalha bem (Joana) e a mulher...está fazendo as mesmas atividades que os homens, podendo competir com eles (Anita). Há uma preocupação com a maior inserção da mulher no contexto público, ao mesmo tempo, há o reconhecimento de que as mulheres estão conquistando novas atribuições na sociedade.

Nessa questão, o que está pautado é a comparação de um modelo antigo em que as diferenças entre homens e mulheres eram concebidas como naturais e o modelo novo, que é marcado pela individualização. No modelo antigo, como nomeiam as autoras Negreiros e Féres-Carneiro (2004), a mulher tinha a responsabilidade de preservar a sexualidade e exercer a maternidade. Nessa perspectiva, o casamento geralmente é considerado indissolúvel e os papéis entre homem e mulher estão claramente definidos, cabendo ao homem participar da dimensão pública e às mulheres, da privada, dedicando-se aos filhos e à casa. Já no novo modelo, as identidades dos sexos são fluidas, permeáveis e estabelecidas a partir dos discursos produzidos e dos sentidos atribuídos pelos atores sociais tal como propõe Henningen (2004).

Assim, pode-se pensar que o movimento feminista e o discurso contemporâneo sobre os gêneros têm produzido novas formas de se entender e ser, mulher. Essa visão parece ter sido incorporada pelas adolescentes entrevistadas tal qual é descrito por Silva (2000) sobre as mudanças em relação à compreensão das identidades na atualidade. Para o autor, há uma tendência à fixação dos posicionamentos hegemônicos, aos quais são atribuídas características positivas que se tornam referência à sociedade. Considerando que a categoria gênero é socialmente construída a partir das relações, significações e práticas sociais (SCOTT, 1995; STREY, 1998; HENNINGEN, 2004), que se estabelecem através das redes de poder, pode-se pensar que há, atualmente, uma visão de mudança e transformação dos papéis exercidos pela mulher contemporânea, bem como uma supervalorização das conquistas e idealização da mulher, perspectiva que parece ser adotada pelas entrevistadas.

O SIGNIFICADO DA MATERNIDADE

As transformações da mulher nos âmbitos político, cultural e profissional repercutem diretamente no cotidiano da família, o que faz com que a maternidade

e a paternidade sejam reconsiderados. A desigualdade que existiu de maneira muito evidente, entre os gêneros feminino e masculino, em anos anteriores, reflete diretamente nas funções de ser pai e ser mãe na atualidade, pois a educação sexista, que ensina diferentemente os meninos e meninas, contribuiu diretamente para que a divisões dos papéis fossem reproduzidas (RAMIRES, 1997).

Apesar de estarmos vivendo um momento histórico, em que a mulher está envolvida na construção de seu projeto pessoal, devido às pressões familiares, socio políticos e econômicas, grande parte delas ainda continua assumindo o papel de mãe x esposa x mulher, como aponta Lopes (2000). Complementando essa visão, Badinter (1985) explica que se tende a pensar no amor materno como algo instintivo, como uma tendência inata, ou seja, aos olhos da cultura, a maternidade estaria escrita desde toda eternidade na natureza feminina, sendo a mulher feita para ser mãe, ou melhor, ser boa mãe. Entretanto, as atitudes maternas e o papel da mulher têm se modificado com o decorrer da história, o que leva a refletir sobre a maternidade como um comportamento social, contextualizado em determinado contexto sócio-histórico.

Essa fala nos traz outro aspecto, evidenciado ao longo das entrevistas, o significado da responsabilidade na maternidade. Esse papel de responsabilidade, instituído à mãe, ocorreu através da revolução da mentalidade no último terço do século XVIII, quando ela passou a ocupar outro lugar na família. Diversas publicações recomendavam às mães que cuidassem pessoalmente de seus filhos, impondo-lhes que fossem mães antes de tudo, inspira-se, assim, o mito do instinto materno ou do amor espontâneo de toda mãe por seu filho. Esse sentimento tem, neste momento, um valor natural e social, a mulher “transformou-se” em uma pessoa doce e sensata. Ela passou a ter cada vez mais responsabilidade pela felicidade e infelicidade dos filhos. É agora uma mulher que investe todos os seus desejos na pessoa do filho (BADINTER, 1985).

A questão da responsabilidade materna está posta de maneira enfática no discurso das adolescentes. Consegue-se observar que, para elas, a mãe ocupa o lugar de responsabilidade educacional, afetiva em relação às crianças: mãe é para proteger, cuidar, não para matar seu filho. Na nossa família a maternidade é a união de todos, e todos se ajudam para cuidar dos outros (Isabel); para se ter filho, tem que ter responsabilidade, tem que dar carinho, proteção... (Anita). Nessas falas, percebe-se que cabe à mãe o papel de proteção, de tal forma que a ela é atribuída a função de responsável pela união da família. Isso está relacionado à ideia em que Badinter (1985), sobre as responsabilidades da mãe no século XX, baseando-se nos preceitos da psicanálise, explica como a mãe foi promovida à “grande responsável” pela felicidade de seu rebento.

É possível observar que o papel do pai não foi mencionado nas entrevistas. Quanto a essa questão, o autor Jablonski (1999) revela como as pesquisas mostram que os pais, cada vez mais, têm participado da educação de seus filhos, mas ainda se está longe de uma distribuição igualitária das tarefas de cuidado. Geralmente, as crianças pequenas ficam a cargo das mães que têm que organizar suas atividades, alimentação, vestiários. Dessa forma, as mulheres sentem-se muito sobrecarregadas, pois, envolvidas na busca de igualdade, entram no mercado de trabalho e também cuidam de seus lares.

A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

A inserção da mulher no mercado de trabalho é um aspecto que caminha lentamente, ao longo da história de nossa sociedade. Nesta categoria, temos como objetivo analisar a visão das adolescentes referentemente à mulher nesse processo.

Ao longo das entrevistas foi possível observar a fala das adolescentes relatando que, para uma mulher ter um papel de reconhecimento na sociedade, é necessário que possua *status*. Para isso, é preciso sucesso profissional, ou seja, para uma mulher obter conhecimento e valorização em nossa sociedade, é necessário que tenha sucesso em suas atividades de trabalho.

Corroborando esse pensamento, Vieira (2005) explana que, atualmente, a identidade profissional, para o gênero feminino, é a palavra êxito, a mulher tem que ser bem-sucedida nas suas atividades profissionais, relevando que tudo na luta no mercado de trabalho é mais difícil para ela do que para o homem: desde a conquista do emprego até as posições hierárquicas mais elevadas que se sobrepõem profissionalmente.

Observou-se através dos relatos das adolescentes que a mulher da sociedade contemporânea cada vez mais conquista seu espaço no mercado de trabalho: As mulheres estão conquistando seu espaço, estão evoluindo, se revelando, conquistando seu espaço (Isabel); a mulher estuda mais, alcança sua independência (Anita).

A posição que ocupam no trabalho é o que estrutura não só os seus interesses, assim como diversos comportamentos humanos. Esse fator nos leva a refletir sobre o trabalho das mulheres e o lugar que ocupam nesse mundo, pois, para que haja igualdade entre mulheres e homens, será necessário que o trabalho deles também passe a ter igualdade, mas para isso acontecer, a mulher tem que ter acesso aos mesmos meios do homem (STREY, 1999).

A partir da análise das entrevistas, percebeu-se que a visão que as adolescentes têm é de que a mulher está ocupando o espaço do homem dentro do mercado de trabalho atual, assim como é mais reconhecida por suas competências: antes havia profissões que só homens ou mulheres podiam escrever, respectivamente como a profissão de professora era só de mulheres e advogados era só de homens. Hoje, isso é diferente (Isabel); (...) mulher tá indo para faculdade para poder competir igual com os homens (Maria). A partir disso, Strey (1999) mostra que, através das mudanças de paradigmas masculinos, a mulher se vê obrigada a mudar seu comportamento, não vê o casamento como objetivo vital, está buscando cada vez mais a satisfação no trabalho. Por causa disso, a mulher vem lutando por mais espaço no mundo do trabalho extradoméstico e também por igualdade de oportunidades.

O quão complexa é a inserção da mulher no mercado de trabalho e as muitas atitudes que devem ser tomadas em relação ao profissionalismo feminino estão expressas em dados do IBGE (2008) que mostram uma realidade difícil. No mês de janeiro de 2008, das que trabalham, somente 37,8 % têm a carteira assinada no setor privado, enquanto que, para os homens, esse percentual é de 48,6%. O trabalho também vem ligado à questão de novos papéis dentro da família. Corroborando com isso, Fleck e Wagner (2003) relatam que, a partir do século XX, o modelo tradicional de família passou a ser modificado, as transformações da economia mundial fizeram com que a redução de empregos aumentasse a concorrência no mercado de trabalho, bem como houve grandes mudanças de comportamento da mulher.

Com todas as mudanças de papéis da sociedade ao longo da história, o homem não aparece mais como único e absoluto provedor de suas famílias, a mulher se insere de uma forma considerável na ocupação desse contexto, provando assim que, embora não apareça em pesquisas ocupando posições profissionais reconhecidas, sustenta muitas famílias de nossa sociedade.

Esse dado é confirmado pelas pesquisas do IBGE (2008), quando foi constatado 2,7 milhões de trabalhadoras como as principais responsáveis e provedoras de suas famílias. Isso em seis regiões metropolitanas investigadas pela Pesquisa Mensal de emprego em que as mulheres representam quase 30,0% da população. Reforça-se assim a ideia de que, aos poucos, a mulher vem construindo uma caminhada de conquista e de independência. Tais fatos concordam assim com o relato da adolescente Teresa: (...) *indo com força para o trabalho, pois também tem que sustentar a família.*

As razões do ingresso da mulher no campo de trabalho são as mais diversificadas. Pode-se citar, como exemplo, a questão econômica que se intensificou em virtude da deterioração dos salários dos trabalhadores e as obrigou a buscarem complementação para a renda familiar. Desse modo, as mulheres de baixa renda e as da classe média entraram no mercado de trabalho (SAFFIOTI; VARGAS, 1994). O reconhecimento dessa mudança é possível observar em grande parte das entrevistas, em que as adolescentes caracterizaram a mulher como trabalhadora e como cuidadora do lar. Isso é visto no relato de Teresa: “(...) *a mulher é trabalhadora, cuida da família e se cuida também.*”. A importância, no entanto, de sua participação no lar, mesmo tendo um importante papel no campo de trabalho, continua muito forte na vida da mulher.

Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) trazem que, nos tempos atuais, o trabalho atrelado à maternidade gera muitas dúvidas nas mulheres, pois mesmo que busquem a conquista de novos papéis dentro da sociedade, não deixam de lado a maternidade, algo que, na visão dos autores, está inscrito instintivamente em suas vidas. Por outro lado, para Badinter (1985), esta é uma ideia que se tornou naturalizada socialmente, levando muitas mulheres a não se questionarem sobre o seu desejo de serem mães e, por isso, tentam conciliar essas duas tarefas.

Ao mesmo tempo, foi possível observar que as adolescentes descrevem a identidade da mulher como batalhadora. O que nos remete a pensar que a nova mulher começa a exercer múltiplos papéis, cabendo a ela ser “uma supermulher”. Em seus relatos, não há uma sobrecarga referentemente a esse papel: Acho que batalhadora, sabe se expor melhor, deixa claro qual seu lugar (Evita). Essa visão é ainda mais reforçada por outra jovem: a sociedade de hoje ‘quer mais que mãe’, quer a mãe trabalhadeira, a mãe política, a mãe dona de casa, a mãe que é pai (Chiquinha).

Essas descrições referem-se ao fato de que, mesmo com as mudanças sobre o gênero feminino, ainda está incrustada a ideia da mulher como sendo frágil e do homem como sendo forte. Além desse dado, foi possível observar que a questão da discriminação pela sociedade divide a opinião das entrevistadas, as que observam esse aspecto evidenciam a discriminação no seu dia a dia: *Bom, tem preconceito, como jogar bola com os guris, eles não gostam muito por sermos meninas* (Margarete). Já outras julgam que há, mas não identificam consigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, pôde-se perceber a partir dos resultados que, mesmo as adolescentes não tendo vivenciado o modelo antigo da mulher na sociedade elas têm essa ideia muito clara em seus relatos, sendo que para elas, ainda hoje, a construção da identidade feminina está atrelada a contrapontos com a identidade masculina. Para que a mulher consiga obter uma nova identidade, ela necessita superar as atitudes dos homens. Essa necessidade é evidenciada ao longo da pesquisa, na qual as adolescentes, a todo o momento, trazem que a mulher deve ser independente e melhor que os homens em várias atividades.

A partir disso, o papel da mulher é colocado como uma “super-heroína”, que deve ser mãe, forte, trabalhadora, e, ao mesmo tempo, não pode se desprender da figura feminina e delicada. Essas ideias podem estar relacionadas a algumas características da população pesquisada, que se encontra na adolescência, já que é comum, nesse período da vida, o desenvolvimento de concepções relacionadas à onipotência (BEE, 1997). Assim, a visão que elas têm sobre a mulher está atravessada pela noção de que ela deve ser mãe e assumir outros papéis que a sociedade diz serem necessários à mulher contemporânea. Além disso, necessita se diferenciar do modelo mais tradicional, menos submissa e dependente do homem e da sociedade. Discurso esse que se encontra idealizado e é repassado pelas diferentes gerações em uma busca incessante de alcance de desejos que, ao invés de trazerem as diferentes possibilidades de escolha da mulher, aglutinam todos os conceitos, “idealizando” a identidade feminina.

Assim, percebe-se que há uma visão idealizada sobre os papéis exercidos pelas mulheres e uma possibilidade de conciliação entre a maternidade, a feminilidade e o trabalho. O fato de as adolescentes se encontrarem em um nível socioeconômico desfavorecido, traz a percepção do seu papel como mulher na sociedade contemporânea que foi marcada por características positivas e de maior apropriação da realidade social, na qual estão inseridas.

Esses resultados reiteram a importância de mais estudos em relação às construções de gênero tanto na adolescência quanto na infância. Mostram ainda a necessidade de pesquisas-ação voltadas para o ambiente da escola, a fim de proporcionarem discussões e reflexões sobre tais temas com adolescentes, para que possam ser tratadas de forma consistente, contribuindo com o desenvolvimento desses jovens e futuras relações mais simétricas.

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psicologia clínica**, v. 19, n. 1, p. 163-185, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEE, H. **O ciclo vital**. Porto alegre: Artes Médicas, 1997.

COLLING, A. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, M.; CABEDA, S.; PREHN, D. (Orgs.). **Gênero e Cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em estudo**, v. 8, número especial, p. 31-38, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.

HENNINGEN, I. Modos de ser homem e ser pai na mídia. In: STREY, M.; CABEDA, S.; PREHN, D. (Orgs.). **Gênero e Cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

IBGE. **Estudo especial sobre a mulher - PME**, 2008.

KAHHALE, E. Gravidez na adolescência: orientação materna no pré-natal. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

LOPES, J. Mulher e Família: a construção de uma nova forma de ser? In: STREY, M.; MATTOS, F. **Construções e perspectivas em Gênero**. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.

MARRI, I. G.; WAJNMAN, S. Esposas como principais provedoras de renda familiar. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 24, n. 1, p. 19-35, 2007.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002

NEGREIROS, T. C. de G. M.; FERES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 4, n. 1, jun., 2004.

RAMIRES, V. R. **O Exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Quatro Artes, 1979.

SAFFIOTI, H. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/heleieth1.html>>. Acesso em: nov. 2002.

SANTOS, D. B.; SILVA, R. C. da. Sexualidade e normas de gênero em revistas para adolescentes brasileiros. **Saúde e Sociedade**, v. 17, n. 2, p. 22-34, 2008.

SCORZAFAVE, L. G.; MENEZES-FILHO, N. Caracterização da participação feminina no mercado de trabalho: uma análise de decomposição. **Economia Aplicada**, v. 10, n. 1, p. 41-55, 2006.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p.71-99, 1995.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

STREY, M. N. Gênero. In: STREY, M. N. et al. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.

STREY, M. N. Mulher e trabalho. In: STREY, M. N. et al. (Orgs.). **Gênero por escrito**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. A.; PINHEIRO, V. S. Socialização de gênero e adolescência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 13, v. 1, p. 147-162, 2005.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA**. v. 21, número especial, p. 207-238, 2005.

